

POSSIBILIDADES DIDÁTICAS ANTIRRACISTAS:
O Ensino De Geografia Regional Da África E Educação Para
Relações Étnico-Raciais

ANTIRACIST TEACHING POSSIBILITIES:
Teaching of Regional Geography Of Africa And Education For
Ethnic-Racial Relations

POSIBILIDADES DE ENSEÑANZA ANTIRRACISTA:
Enseñanza De La Geografía Regional De África Y Educación Para
Las Relaciones Étnico-Raciales

Rosemberg Ferracini.

Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professor do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Tocantins, UFT / Porto Nacional/TO - rosemberggeo@uft.edu.br

Recebido em: 22/01/2021

Aceito para publicação: 10/02/2021

Resumo

O texto ora apresentado é fruto da disciplina de pós-graduação “Ensino de Geografia Regional da África e Educação para Relações Étnico-Raciais” ministrado na Universidade Federal do Tocantins – UFT- Porto Nacional, no 2º semestre de 2020. O curso teve como base de reflexão as diferentes perspectivas afrocentrada para pensar o território e população, regiões e paisagens africanas. A metodologia utilizada foi com leitura, debates e a problematização de autores africanos e africanistas, via a interpretação de textos, mapas, tabelas, gráficos e imagens tendo como base a descolonização epistemológica. Assim, analisar o referencial teórico e fortalecer novas pesquisas a respeito da África é o principal objetivo desse artigo.

palavras-chave: Ensino de Geografia, Formação de Professores, África e Antirracismo.

Abstract

The text presented here is the result of the post-graduation course "Teaching of Regional Geography of Africa and Education for Ethnic-Racial Relations" taught at the Federal University of Tocantins - UFT-Porto Nacional, in the 2nd semester of 2020. The course was based on the different perspectives of African territory and population, regions and landscapes. The methodology used was through reading, discussion and problematisation by African and African authors, through the the interpretation of texts, maps, tables, graphics and images based on epistemological decolonisation. Thus, analyzing the theoretical framework and strengthening new researches on Africa is the main objective of this article.

Keywords: Teaching Geography, Teacher Training, Africa and Antirracism.

Resumen

El texto que aquí se presenta es el resultado del curso de postgrado "Enseñanza de la Geografía Regional de África y Educación para las Relaciones Étnico-Raciales" impartido en la Universidad Federal de Tocantins - UFT- Porto Nacional, en el 2º semestre de 2020. El curso se basó en las diferentes perspectivas del territorio y la población, las regiones y los paisajes de África. La metodología utilizada fue con la lectura, los debates y la problematización de los autores africanos y de África, a través de la la

interpretación de textos, mapas, tablas, gráficos e imágenes basada en la descolonización epistemológica. Por lo tanto, analizar el marco teórico y reforzar las nuevas investigaciones sobre África es el principal objetivo de este artículo.

Palabras clave: Enseñanza de la geografía, formación de profesores, África y antirracismo.

Introdução

A nomeação no título do substantivo – Possibilidade, em conjunto com a adjetivação – Antirracista, foi a base do curso como um exercício pedagógico didático epistemológico afrocentrado. Sob esse viés, a proposta da disciplina tratou-se ter como base a perspectiva africana para análise e reflexão da população e território, paisagens e lugares, regiões e sociedades africanas no centro do debate. Logo, superar os obstáculos epistemológicos raciais e propor novos referenciais teóricos e metodológicos esteve no foco central do curso. Para tal, seguiu-se no andamento das aulas com leitura dos trabalhos de Cheikh Anta Diop (1974), Molefi Asante (1980) e Frantz Fanon (1968 e 1971), entre outros. O referido curso trabalhou com diferentes abordagens que fizessem referências à descolonização epistemológica fundamentada nos estudos africanos.

Além do mais, as aulas tiveram como objetivo formar novos protagonistas na pedagogia escolar e acadêmica a respeito da África, questionando a disputa por espaço, a conquista de novos discursos que não fossem os colonizadores, a construção das diferentes paisagens e ordenamento territorial do que foi, e pode ser, o continente africano e sua população. Assim, como linha de pesquisa e raciocínio, buscou-se aprofundar as leituras afrocentrada por autores da Geografia (s), dando continuidade às considerações de MUNANGA (1988).

A proposta concerniu-se em potencializar a capacitação de professores nos diferentes níveis par abordagem da África no processo de ensino. Por isso, foi preciso o comprometimento com o exercício da leitura, o seguimento da escrita e a prática oralidade na luta decolonial.

No decorrer da disciplina, buscou-se desconstruir o racismo e como ele conceituou espacialmente e historicamente o continente africano e sua relação aos estudos étnicos-raciais no Brasil. Concomitante, foram exercitadas e apresentadas algumas diferentes possibilidades de aprendizagem antirracistas em sala de aula. Para isso, o curso teve duração de 15 encontros com quatro horas cada, sendo dividido em

três momentos, tendo como propósito, em cada um deles, incentivar pesquisas e estudos com bases teóricas e metodológicas afrocentrada. O caráter remoto, em formato digital, devido a pandemia do COVID-19, possibilitou a aproximação entre diferentes alunos do estado de Goiás, Salvador, Brasília e Tocantins.

Por Um Currículo Decolonial em torno da África

Na primeira parte do curso, desenvolveu-se uma análise crítica com aulas teóricas via leituras e discussões de textos em torno do continente africano. Embasado na Lei 10.639, de 2003, realizamos a reflexão da presença e a ausência dos conteúdos relativos ao continente africano e o tema étnico-racial nos campos escolar e acadêmico, debatendo a bibliografia MEC/SEPPIR (2004), burkinabê KI-ZERBO (1982) e o congolês M'BOKOLO (2011).

No decorrer dos primeiros encontros, foram trabalhados um conjunto de mapas históricos presentes nas obras organizadas pelo marroquino EL FASI (2010), pelo senegalês NIANE (2010) e também pelo congolês OGOT (2010). Ao ter como base o conjunto cartográfico, foram problematizadas as disputas territoriais que retratam as guerras santas, a consolidação e a dissolução de reinos, como Asante, Njoya e Sudão; e a formação dos Estados na África Ocidental de Furta Toro, Futa Jalon, Kaarta, Khasso, Abomey, Oyo, Tio, Lunda, Cassanje, Ovimbundo, Lozi, Meyene, dentre outros.

Conforme os temas foram levantados, fez-se as contextualizações das disputas territoriais na África Central e Oriental, passou-se pela temática dos Estados de Bornu, Wadai, Darfur, Funj, Cazembe, a ocupação de Hausa, Nzakara Zande, Reinos Interlacustres, Zona de influência de Omã e Imerina. Através das leituras e demais representações cartográficas, foi possível trazer informações sobre a rede comercial do Saara por meio da rota dos camelos nas zonas desérticas e toda a zona mediterrânea da Argélia, Tunis, Alexandria, Porto Said, as principais cidades do Sahel, Walata e Tombuctu, que serviam de parada nos portos mediterrâneos. Nesse conjunto, abordou-se os temas referentes a parte ocidental, em específico do Senegal a Angola, pontuando as zonas agrícolas coloniais do azeite de dendê, óleo palmiste, algodão e o amendoim.

Também, demonstrou-se como que os dois primeiros desempenharam uma forte influência em demais países da África Oriental, como Madagascar.

Ainda na primeira parte da disciplina fundamentado em MONIÉ (2007) e MBEMBE (2014), explanou-se como que, entre réguas e compassos, foi efetivada a partilha da África. Ademais, o tema da fronteira e limites foram postos em aula. Debateu-se a criação e/ou construção de uma Geografia e História que pertencem em particular mais à Europa do que propriamente à África. Isso porque, como presente nas obras lidas, os africanos não tinham o sentimento de estar sendo “descobertos” ou “explorados”. Fato contextualizado, acredita-se na importância de seu aprofundamento e problematização no processo de formação de professores, a respeito da diáspora africana no antigo e no novo mundo.

Baseado no queniano OGOT (2010), foram comparados nove mapas que expressam especificamente as feitorias regionais e as colônias no continente africano, que foram ocupadas pelos catequistas, padres e pastores portugueses; docentes, operários e empregados europeus; comerciantes e funcionários, as rotas de partida e eixos de exploração de espanhóis e os povoamentos franceses, ingleses, italianos e *boers*, mantendo cada qual o seu estilo de exploração e colonização racial.

A posteriori, relacionou o “ciclo colonial europeu”, retomando alguns diálogos entorno do congolês M'BOKOLO (2011), analisando os caminhos da emancipação política da África. Com a utilização de três representações cartográficas, foi abordado o tema das resistências e revoltas da população contra a colonização em alguns estados africanos, acompanhado de esquemas que analisam a tipologia dos movimentos religiosos, o pan-africano, as independências, os comitês e demais autonomias africanas. Nessa perspectiva, fez parte dessa conversa o conhecimento das atuações políticas de Aimé Césaire, Léopold Senghor, Amílcar Cabral e Kwame Nkruma.

Tangente ao exposto, a partir dessas informações, os alunos passaram a entender o despertar político de uma elite constituída de jovens que tinham aprendido a língua europeia, mas que buscavam lutar contra o nacionalismo racista.

Com apoio do malinês DIARRA (1982) e o nigeriano MOBOGUNJE (1982), espacializou-se o colonialismo, o imperialismo e a formação dos Estados nacionais e os conflitos populacionais africanos; assim como a presença do continente africano na

geopolítica do mundo contemporâneo. Na mesma linha, fez-se explanação a respeito das bases naturais e sua diversidade regional no território africano.

Nessa conjuntura, ocorreram conflitos no processo de crescimento e desenvolvimento dos impérios, na organização dos diferentes estados africanos do século XIX e XX. Desse modo, os mesmos debates podem estar amarrados aos conflitos das décadas de 1960 a 1990. Como é possível entender, demais fatores caracterizaram a geopolítica e a restauração dos novos estados no território africano e seus desafios para o século XXI. Dessa forma, acredita-se que, em leitura das obras elencadas na primeira parte, foi proporcionado uma base teórica aos professores para o entendimento do berço da humanidade.

África: Comprometimento com a Diáspora

No segundo momento fundamentado em autores clássicos da historiografia – ALENCASTRO (2000), SILVA (2000), VERGER (1987), FLORENTINO (1995) e CONRAD (1978) –, ousou-se em fazer uma leitura demográfica das plantações genocidas escravagistas para o Brasil. Com estas reflexões, colocou-se em pauta uma discussão ausente na Geografia brasileira: o sequestro da população africana calcada no racismo. Advogando com MUNANGA (1988) e QUIJANO (2005), foi demonstrado como o processo de racialização colonizou teorias e práticas a respeito da população e o território africano.

Por meio de números, quadros e tabelas, buscou-se apresentar dados populacionais de homens e mulheres que foram arrancados e transpostos à força, pelo Atlântico negro, às Américas. Trouxe-se informações que passam pelas antigas e novas formas do comércio humano clandestino, do século XVII ao XIX, entre a ascensão e declínio do tráfico, seus métodos utilizados no processo, o comércio, a repressão e as leis abolicionistas.

Baseado em MUNANGA (1999) e ANJOS (2005), abordou-se a diáspora africana e seu valor político e cultural na formação no território brasileiro. Em

continuidade a essa interpretação, afirmamos a importância da prática pedagógica ***Geografias Negras***¹ nos cursos de licenciatura em geografia.

Ainda na segunda parte, houve a participação de colegas professores-pesquisadores de outras universidades, que colaboraram nas discussões. A presença dos convidados teve como meta fortalecer os encontros com o aprofundamento das leituras teóricas, mas principalmente criar parcerias e irmandades. Da mesma forma, as falas trouxeram diferentes contribuições de entendimento no ensino e pesquisa da África e estudos étnico-raciais. Dentre as nobres aulas virtuais, contou-se com os professores Denílson Araújo UERJ, Renato Emerson UFRJ, Lorena Souza UEG e Sávio José UFMA.

No mais, a participação do professor Denílson Araújo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro -UERJ- foi fundamentada em MUDIMBE (2013), MOORE (2007) e BARBOSA (2008), dentre um conjunto de referências. A exposição do professor Denílson se baseou em caráter jurídico, formativo, intelectual e político do ensino de Geografia da África. Nessa linha, ele enfocou o sentido do combate ao Racismo (Epistêmico, Cultural, Religioso, Científico, Institucional).

Outrossim, o professor problematizou de forma didática a compreensão mais ampla e densa da organização espacial das diferentes sociedades em constantes transformações ao longo do tempo. O que concerne a formação de grandes espaços civilizatórios “africanos” surgidos de uma evolução humana, que parte do período neolítico (10.000 A.C). Na mesma linha, tem-se a conquista e colonização árabe da África setentrional; os tráficos negreiros intra-continentais e transoceânicos e os processos de desintegração de espaços sócio-históricos constituídos e, consequentemente, os processos de regressão social.

Em outro momento, a fala do professor Renato Emerson dirigiu-se aos textos de SANTOS (1999), SANTOS (2009) e SANTOS e OLIVEIRA (s/d). Dessa forma, o pesquisador trouxe uma periodização geográfica a respeito do ensino de Geografia da África, seu processo de regionalização, o debate raça e modernidade, bem como a liderança do movimento negro na luta por igualdade racial. Dentre o conjunto de conceituações, o ‘exercício da descolonização’ tangeu sua explanação na desconstrução

¹ Revista da ABPN. Edição Especial, Caderno Temático “Geografias Negras”, v.12, abril, Ed. Especial (2020).

das narrativas que estruturam as leituras de totalidade-mundo. No mais, registra-se que Renato é autor de vários artigos e livros de referência nos estudos étnico-racial, inclusive com orientação de trabalhos, militância no movimento negro e na Associação Brasileira de Pesquisadores Negros -ABPN-.

A professora Lorena Francisco, trouxe a reflexão do ensino das relações étnico-raciais na Geografia escolar, pensando a formação cidadã e antirracista. Baseado em SOUZA (2017), OLIVEIRA (2008) e MEC/SEPPIR (2004) apresentou experiências no campo do ensino de geografia que podem e devem ser trabalhadas nos Estágios Supervisionados e demais práticas docentes do professor de Geografia. Baseada nos conceitos geográficos a professora trouxe exemplos de atividades espaciais nos contextos escolares. Fez parte dessa conversa o tema do gênero e sexualidade em geografia via a temática racial, para se pensar em políticas públicas na escola e sociedade. O recorte teórico-metodológico passou pelos grupos étnicos e raciais na Região Metropolitana de Goiânia, com foco em negros, quilombolas e indígenas. Tais trabalhos são desenvolvidos pela sua coordenação no Núcleo de Estudos Africanos e Afrodiaspóricos (NEAAD) na UEG e no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica (NEPEG/UFG).

Também outro convidado, o professor Sávio José é responsável pela disciplina *Geografia Regional da África* no curso de *Estudos Africanos* na Universidade Federal do Maranhão. De forma sublime, o professor Dr. Sávio José enriqueceu o curso com os trabalhos de campo realizados em Cabo Verde e Moçambique. A respeito de Cabo Verde, aprofundou as desigualdades regionais e urbanas no arquipélago, a independência em 1975, as contradições da vida urbana e rural. Seu raciocínio referiu-se a Cidades de Praia – capital – e São Vicente. Promoveu uma análise a respeito da distribuição populacional, da dinâmica do portuária e agrícola. Ainda trouxe uma contextualização global das ilhas, a sua lógica capitalista e os grandes projetos urbanos.

Por Uma Geografia Antirracista

A terceira parte do curso se amarrou com as duas anteriores; para tanto, houve a exibição de pequenos seminários apresentados pelos alunos, que foram exercícios de tópicos da disciplina, aliado a propostas de ensino e pesquisa. Dentre o conjunto de

escalas e recortes, temos alguns temas caros para o processo de aprendizagem na luta antirracista. Nesse enfrentamento, estão presentes alguns exercícios pedagógicos pensados e praticados em sala de aula para compor o texto. Esses exemplos fazem parte do conjunto de reflexões estabelecidas pelos alunos, suas interpretações e giros epistemológicos de amadurecimento, leituras, debates, notas, registros e análises conjuntas.

Primeiro,

A apresentação de trabalho do aluno Judivan Ferreira -Brasília- trouxe a seguinte indagação: *Pode museu contribuir na luta antirracista?*

Figura 1) Educação Geográfica Museal



Judivan Ferreira (2020)

Sua apresentação foi iniciada com a frase, de Declamando *Toma kwiza! Kwiza ye ngemba! E Kaabo! Só falo dessas duas maneiras porque só dessas duas maneiras alguém lá atrás conseguiu falar, e eu consegui aprender*². Judivan contextualizou diferentes análises das práticas em confronto ao modelo colonial, contrapondo e questionando as atividades de investigação e formação nos espaços museais.

Em comunicação com a referida pergunta o aluno foi demonstrado as possibilidades de ação educativa na luta antirracista. A sua fala passou em apresentar um conjunto de ideias de como o museu pode e deve contribuir nesse processo de aprendizagem. Seu foco de análise foi a exposição Simbólico Sagrado – Mestre Didi e Rubem Valentim e suas possibilidades de ações educativas antirracistas. Para isso,

² Valdivina Pinto, **Fórum Nacional de Performance Negra**, Salvador, 2005.

utilizou-se como contornos metodológicos – além da pesquisa bibliográfica – os estudos (auto)biográficos e afrocentrados.

Judivan abordou que museus e suas exposições são espaços museais que fazem pensar, sentir e agir. Para esse o acervo exposto ao público demonstra ensinamentos para conhecer geografias e histórias de lugares, regiões e ou territórios. Como traz a possibilidade de ensino com suas paisagens, as diversas populações e até mesmo com as formas, estruturas e processos opostos ao modelo colonial eurocentrado de sociedade.

Segundo, o aluno Deyvison Bispo de Oliveira, graduado em pedagogia, trouxe o exemplo a respeito da comunidade quilombola da vila do Forte, localizada no município de São João D´Aliança, Goiás.

Figura 2) Aquilombando com os erês



Fonte: Deyvison Bispo 2020

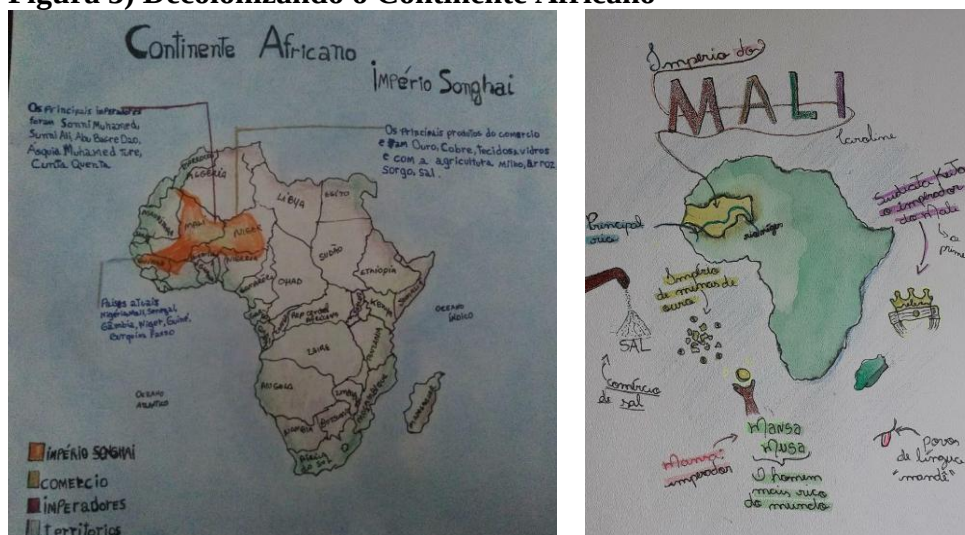
Seus objetivos com o estudo foi entender a dinâmica das relações escola/comunidade no processo de construção, afirmação ou reafirmação identitária, compreender a importância dos currículos escolares na valorização e preservação dos saberes e fazeres tradicionais. Também se dialogou a inclusão sobre identidade e território no processo pedagógico e social da comunidade. Nesse sentido, essa inquietação foi necessária para investigar e compreender os processos pedagógicos e suas relações no processo de ensino e aprendizagem. Por essa razão que se justifica a essência dessa prática e sua possível aplicação no cotidiano da comunidade.

Terceiro, o aluno Matheus Henrique, também de Porangatu Goiás, relatou a experiência na participação da disciplina, apresentando as possibilidades pedagógicas de

aprendizagem que favoreçam o processo de alfabetização cartográfica do continente africano. Enquanto professor do nível fundamental, Matheus acredita há uma necessidade de se observar a apropriação da linguagem cartográfica nos 6º e 7º anos.

Dentre as atividades pedagógicas, ter como base teórica o olhar afrocentrado tangeu o decorrer da disciplina. Nessas, foram levantadas uma série de indagações – Como os mapas da África estão sendo trabalhados nas aulas de Geografia? Os professores utilizam esse recurso na sala de aula? Como é a aquisição do conhecimento dos alunos ao trabalhar com as representações dos reinos e impérios africanos? Como é a apropriação da linguagem cartográfica pelos alunos no Ensino de Geografia da África? As cartografias da África são mostradas nas aulas de Geografia ou somente apresentadas noções superficiais sem problematização?

Figura 3) Decolonizando o Continente Africano



Fonte: Silva, M.H.P (2020)

A partir de dois desenhos construídos pelos alunos, Matheus demonstrou a possibilidade de construir e pensar uma Didática de Geografia Regional da África no ensino fundamental. Dessa forma, trabalhando com as variadas formas de linguagens cartográficas, pode-se dizer que o mapa é uma ferramenta que contribui para o entendimento do espaço e território africano.

Nesse intento, cabe a escola incentivar cursos de formação que possa capacitar o campo docente. Em leitura das diretrizes do MEC/SEPPIR (2004, p. 08), “A lei 10.639/03 institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e dos africanos no

currículo escolar do ensino fundamental e médio”. Nessa perspectiva, embasando-se nessas contribuições, afirmou-se na importância de fazer parte no processo de formação dos educandos.

Quarto, o trabalho de Francislene Bezerra, professora de Geografia na EFA – Escola Família Agrícola de Porto Nacional, trouxe a reflexão da Semana de consciência Negra. Nessa temática, buscou ressaltar, aos estudantes da EFA de Porto Nacional – TO, a importância da contribuição da população negra na cultura brasileira. Desenvolveu-se a temática através de demonstrações culturais e de exercícios que ressaltam alguns aspectos importantes dos contextos. Foi apresentado os valores que impulsionaram e orientaram a vida e a formação dos jovens em território nacional.

Figura 4) Fortalecendo a Negritude



Fonte: Francislene Bezerra, 2020

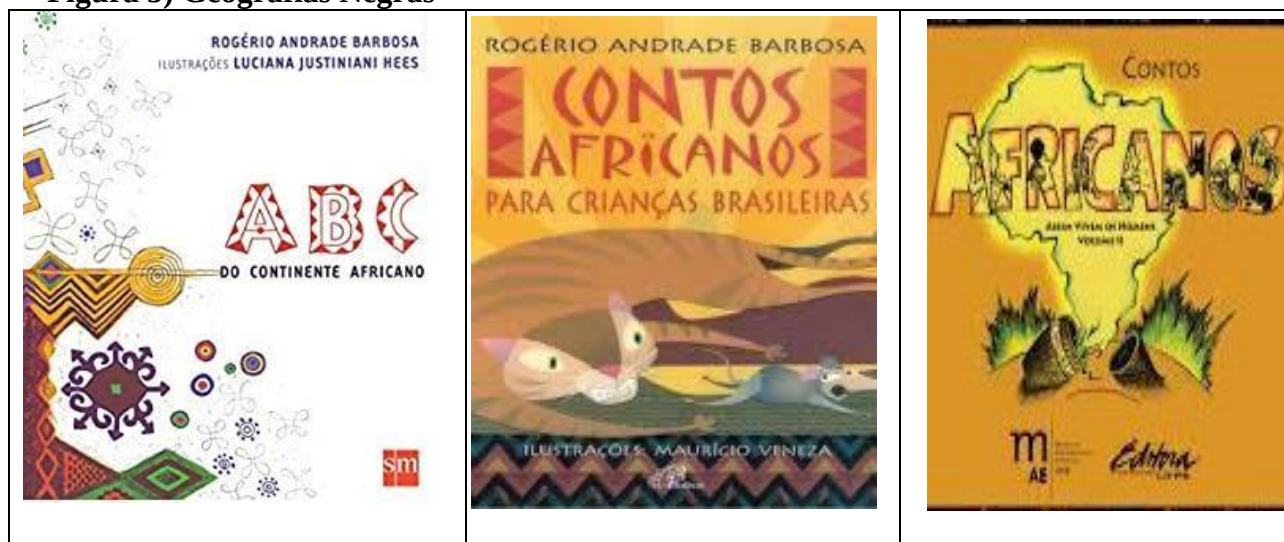
Desse modo, as sequências planejadas com os alunos do ensino médio e fundamental tiveram diferentes abordagens, que ocorreram do dia 11 ao dia 15 de novembro. Realizaram-se confecção de poesias e literatura de cordel, pinturas com a temáticas afro, confecção de cartazes sobre os movimento pan-africano e líderes e militantes negros no decorrer da história, Geografia da África, assim como atividades no projeto Sim, Você Pode! As músicas que foram tocadas no decorrer da semana, na Rádio Campo Aberto, foram voltadas para a temática, com cantores negros ou músicas que abordavam o assunto; além do mais, algumas refeições, a serem servidas, também foram de acordo com a culinária africana.

A realização das práticas de ensino voltadas para a consciência negra foi exitosa, com a participação dos alunos. Pode-se dizer que os mesmos assimilaram a proposta de debater e refletir sobre as diferenças raciais e a importância de cada um no processo de construção de nosso país, estado e comunidade. Assim, espera-se que a consciência de valorização do ser humano ultrapasse as fronteiras da violência, do preconceito e do racismo.

Por isso, a atuação e desenvolvimento desse projeto, sobre a cultura negra, visam atender o exercício da cidadania e vivência dos valores, com a ferramenta necessária, e a aprendizagem, para resistir as injustiças, de um mundo formado por sociedades que usam o preconceito como instrumento das esferas de diferenças sociais. Assim, ressaltou-se que o resgate da herança africana, cuja história fora esquecida e ignorada ao longo do tempo, precisa ser enfatizada pelas escolas.

Quinto, o trabalho de Kelytha Cavalcante apresentou a construção do caráter étnico do aluno a partir da educação infantil. Baseado em alguns livros da literatura infantil, apresentados aos alunos em sala de aula, surgem algumas indagações.

Figura 5) Geografias Negras



Como ensinar de forma lúdica a cultura africana para crianças na educação infantil? Quais as possibilidades de inserir essa temática ao currículo? Quais as principais dificuldades encontradas pelos professores para ensinar sobre africanidade? Os professores possuem embasamento teórico suficiente para ministrar aula com o tal

tema? Estes profissionais acreditam na importância de explicar a cultura africana em sala de aula? Perguntas que merecem ser aprofundadas no decorrer da formação de professores.

Com a vigência da Lei 10.639/03, foi destacado como que na educação infantil a criança se integra e socializa com a cultura africana via a história da sociedade brasileira. Nessa conversa, acredita-se que promover conhecimento sobre o continente africano é uma forma de compreender a miscigenação existente entre Brasil e África, além de colaborar com a prevenção à discriminação e o preconceito racial.

Sendo assim, torna-se importante oferecer oficinas cartográficas, em que as crianças poderão conhecer os países que fazem parte do continente africano. No mais, pode-se colorir mapas, criar histórias com personagens que residem na África, conhecer as músicas e danças que faz parte da cultura Africana, como a capoeira, conhecer o processo histórico através de histórias contadas mediante a utilização de fantoches. Assim, essas são algumas das propostas metodológicas, dentre tantas outras que podem ser criadas e colocadas em prática durante todo o ano letivo.

Na escolha dos trabalhos pedagógicos, citados no decorrer do curso pelos alunos, buscou-se seguir uma padronização descritiva de suas exemplificações. Foram diversas as análises elaboradas, muitas as fontes citadas, utilizando-se de linguagens diversas, para abordar os temas. Algumas exposições foram teóricas, outras empíricas, no exercício metodológico dos seminários. Seguiu-se a opção por uma linha de raciocínio que fosse ligada à negritude de ANJOS (2005) e da África de MUNANGA (1988), com os exercícios de exemplos livres e linguagens sintéticas, procurando manter o esforço empírico de suas realidades.

Considerações Finais: A Batalha Continua

Acredita-se que as contribuições registradas nesses encontros, a respeito de Geografia da África e dos Estudos Étnico-Raciais, têm demonstrado um aumento significativo por professores em diversos contextos que podem ser conversados em sala de aula. Contudo, alguns temas devem ser aprofundados em disciplinas futuras, com recortes específicos. Assim, para novas discussões em sala de aula, sugere-se o livro organizado pelo queniano MAZRUI (2010) e o costa marfinense WONDJI (2010), com

os temas do pan-africanismo; fazendo parte desse registro, pontua-se a importância de líderes como Mariama Bâ, Steve Biko, Nelson Mandela, Pepetela, Aminata Traoré, Mia Couto, Paulina Chiziane, Chimamanda Ngozi Adichie, dentre outros, voltados ao debate político e cultural de alguns estados africanos.

Ainda embasado no queniano e costa marfinense, sugere-se o tema da integração regional: econômica e política, bem como as organizações regionais correspondente aos blocos africanos. Deve fazer parte dessa conversa o PNUD – Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento, – BAD – Banco Africano para o Desenvolvimento, – NEPAD – Nova Parceria para o Desenvolvimento da África, – PIDA – Programa Para o Desenvolvimento da Infraestrutura em África, instituições que passam pelos “Corredores de Desenvolvimento Regional”, de acordo com a tabela 1) e Mapa 1).

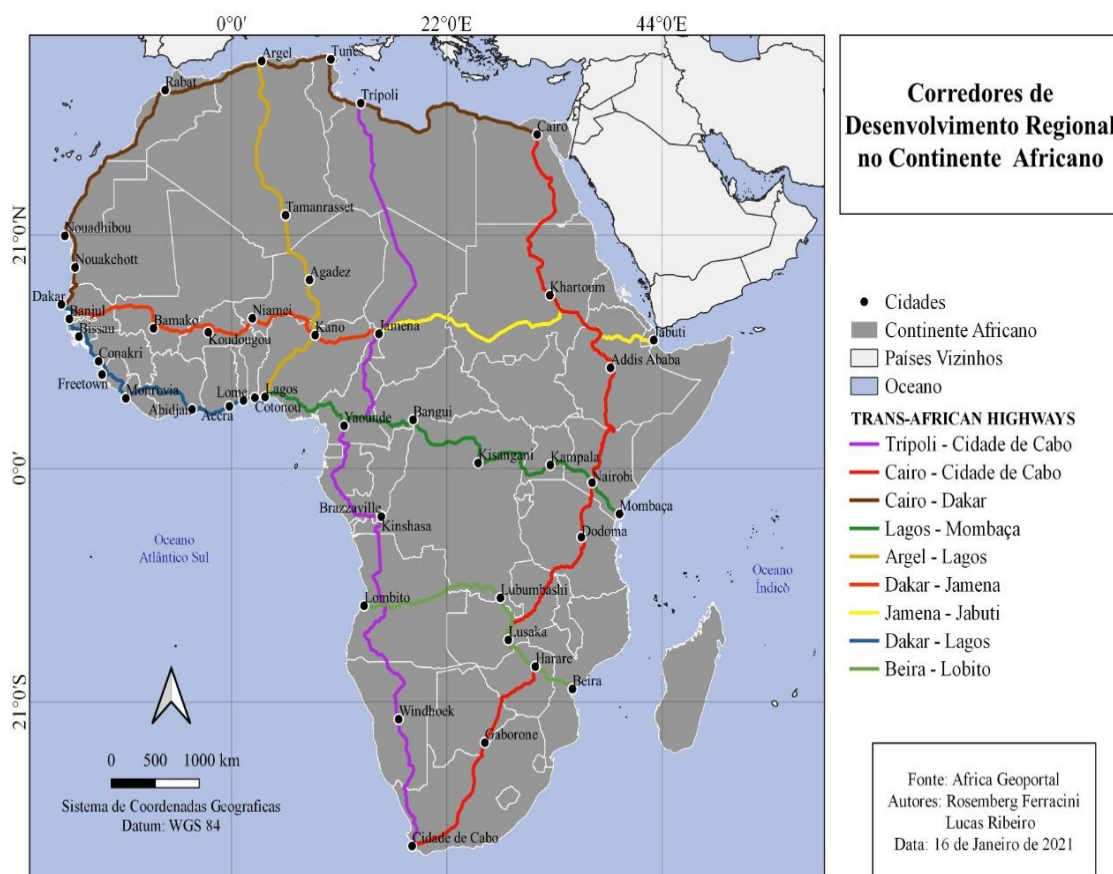
Tabela 1) Terminais de Desenvolvimento Regional

Terminais	Comprimento	Sentido	Percurso
Tripoli – Cidade do Cabo	10.808 km	Norte -Sul	Líbia, Chade, Camarões, República Centro Africana, Congo, Angola, Namíbia e África do Sul.
Cairo - Cidade do Cabo	10.228 km	Norte -Sul	Egito, Sudão, Etiópia, Quênia, Tanzânia, Zâmbia, Botswana e África do Sul.
Cairo – Dakar	8.636 km	Leste-Oeste	Egito, Líbano, Tunísia, Argélia, Marrocos, Mauritânia, Marrocos e Senegal.
Lagos - Mombaça	6.259km	Norte-Sul	Nigéria, Camarões, Rep. Centro Africana e República Democrática do Congo, Uganda e Quênia.
Argel- Lagos	4.504 km	Norte -Sul	Argélia e Nigéria.
Dakar – Jamena	4.496 km	Leste-Oeste	Senegal, Mali, Burkina Faso, Nigéria e Chade.
Jamena – Jibuti	4.219 km	Leste-Oeste	Chade, Jibuti, Nigéria, Etiópia e Sudão.
Dakar - Lagos	4.010 km	Leste-Oeste	Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim, Gana, Togo, Benin e Nigéria.
Beira - Lombito	3.523 km	Leste-Oeste	Angola, República Democrática do Congo, Zâmbia, Zimbábue e Moçambique.

Fonte: <https://www.africageoportal.com/>

Baseado no mapa 1 e a tabela 1 -Corredores de Desenvolvimento Regional no Continente Africano- no que diz respeito ao contexto da infraestrutura, exige também a leitura do congolês M'BOKOLO (2011), com o fito de abordar países como África do Sul, Cabo Verde, Egito, Etiópia, Marrocos, Quênia, Tunísia e Uganda; para relacionar temas como moradia, déficit habitacional, expansão demográfica, urbanização, acesso à água potável, saneamento básico, energia, lazer, cultura, recreação e outros, ligados à política de distribuição de renda e oportunidades que passam pela vida nas cidades. No caso de Angola, acredita-se na relevância de pensar na população que vive, em sua maioria, 62%, em áreas urbanas.

Mapa 1) Corredores de Desenvolvimento Regional no Continente Africano



Além do mais, como é preciso falar das proximidades governamentais da China, Japão, União Europeia, Estados Unidos e Brasil e vossas ações nas políticas econômicas

e ter muita atenção para com as antigas racializações disfarçadas da velha roupa colorida FERRACINI (2018).

Destarte, é importante lembrar que é ainda muito recente o ritmo de produção (acadêmica e extra-acadêmica) que esse recorte adquire relevância na Geografia brasileira, diferentemente de outras áreas das ciências humanas, como os da antropologia e da história, pelas suas perspectivas e aprofundamento exposto.

Ao trazer essa conversa para a Geografia, buscou-se ter a elegância em analisar a complexidade que envolve nosso objeto: o espaço geográfico. A leitura espacial só foi possível devido ao contato com a literatura específica e local da época, com tamanha precisão e cuidado, espacializando os marcos políticos, econômicos e culturais da formação territorial africana. Diante do conjunto enunciado, fica o desafio em romper a epistemologia colonial. No trabalho, buscou-se a cara, importante e preciosa incitação de contextualizar – no campo escolar, nas graduações em geografia, em específico nas aulas diárias, nos cursos de formação continuada, nos manuais escolares, simpósios e nos currículos praticados – informações que ajudem os professores na sala de aula, na construção de um olhar afrocentrado a respeito da África e de nós mesmos.

Portanto, fica o registro sobre a relevância de abordar um continente composto por diversas organizações civis, línguas, saberes, povos, relevos, regiões formadas por territórios sobrepostos e histórias entrelaçadas, oposto ao olhar colonizador. Enfim, as reflexões são para aqueles que desejam ministrar suas aulas ou pesquisar ‘De Costa a Costa’, seja a respeito das diversas Áfricas, pré e pós-colonial, da atualidade da África ou de sua ligação com as *terras brasilis*. Com esse intuito, a modesta bibliografia citada traz para aos estudantes e professores de geografia alguns pontos, a respeito das contradições dos últimos séculos, sobre o continente africano e que envolve a nós mesmos.

Com respeito e admiração, dedico esse ensaio a líder comunitária, ativista, mulher, mãe, a portuense *Luciana Pereira de Souza -Taquaruçu-*.

Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, Luis Felipe de. *O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, 525 p.

ANJOS, Rafael Sanzio A. A Geografia, a África e os Negros Brasileiros. In: MUNANGA, K. (org.) **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: MEC – Ministério da Educação. 2005, v. 1, p. 173-184.

ASANTE, Molefe. **Ensaaios Filosóficos**. Volume XIV, Dezembro, 2016.

<http://www.asante.net/articles/1/afrocentricity/>

BARBOSA, Muryatan Santana. **Eurocentrismo, História e História da África**. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana nº1 jun./2008.

CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravidão no Brasil 1850-1888**. RJ, Civilização Brasileira, 1978.

DIARRA, S. Geografia histórica: aspectos físicos. In: KI-ZERBO Joseph (Org.). **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática/Paris: Unesco, 1982, v. I, 333-349 pp.

DIOP, Cheik Anta. **A origem Africana da Civilização**. Mito ou Realidade. Lawrence Hill & Co, (1974) 2020, 552 p.

EL FASI, Mohammed. **História geral da África, III: África do século VII ao XI**. Brasília: UNESCO, 2010. 1056 p.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. RJ: Civilização Brasileira, 1968.
_____. **Os condenados da terra**. RJ: Civilização Brasileira, 1971, 275 p.

FERRACINI, Rosemberg. **A África e suas representações no(s) livro(s) escolares de Geografia no Brasil: de 1890 a 2003**. Tese de Doutorado, FFLCH, USP, 2012. 229 p.

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-30102012-111718/pt-br.php>

_____. **A Velha Roup Colorida: Brasil e África na Geografia Escolar**. Geografia, Ensino e Pesquisa. vol. 22, 2018, pp.01-09.

FLORENTINO, Manolo. **Em costas Negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro**. Arquivo Nacional, 1995.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: Lander, Edgardo (Org.) **A Colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências sociais – Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

MAZRUI Ali A. e WONDJI Christophe. **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. 1272 p.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Antígona, 2014.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: história e civilizações**. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Trad. Manuel Resende, revisão: Daniela Moreau, Valdemir Zamparoni e Bruno Pessoti. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011, 754 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2004.

MOBOGUNJE, A. Geografia histórica: aspectos econômicos. In: KI-ZERBO Joseph (Org.). **História Geral da África: metodologia e pré-história da África.** São Paulo: Ática/ Paris: Unesco, 1982, v. 1, 351-365 pp.

MONIÉ, Frédéric. A inserção da África *Subsaariana* “no sistema mundo”: permanências e rupturas. In EMERSON, Renato (Org). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia no Brasil.** BH, Autentica pp. 175-183.

MOORE, Carlos. Como a Europa subdesenvolveu a África. In: **Racismo & Sociedade:** novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. Editora Ática, 1988, p. 88.
_____. **Rediscutindo A mestiçagem no Brasil.** Petrópolis, Vozes, 1999, 88 p.

MUDIMBE, Valentin Y. III. **O Poder do Discurso:** o discurso do missionário e a conversão de África. In: A Invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Ramada: Pedago, 2013.

NIANE, Djibril Tamsir. **História geral da África, IV: África do século XII ao XVI.** 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. 896 p.

OGOT, Bethwell Allan. **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII.** Brasília: UNESCO, 2010, 1208 p.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. Por uma geografia nova do ensino de África no Brasil. In: RATTIS, Alex [et al] (org.). **Espaço e diferença: abordagens geográficas da diferenciação.** Goiânia: 2018. p. 09-32.

SANTOS, Renato Emerson dos. **Rediscutindo o ensino de geografia:** temas da Lei 10.639. 1.ed. - RJ: CEAP, 2009

SANTOS, Renato Emerson dos e OLIVEIRA, Denilson Araújo de. **Precisamos reler a África.** “A cor da cultura”, do Canal Futura. Rio de Janeiro: 2013.

SANTOS, Boaventura Sousa. **O fim das descobertas imperiais.** Notícias do Milénio, Edição Especial do Diário de Notícias, 1999.

SILVA, Alberto da Costa. **A manilha e o libambo.** O tráfico de escravos de 1500 a 1800. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002.



SOUZA, Lorena Francisco de. A Lei 10.639/03 e o ensino de Geografia: possibilidades em prol da equidade racial. In: ALVES, Adriana O; KHAOULE, Anna Maria K (orgs) **A geografia no cenário das políticas públicas educacionais**. Goiânia: C&F, 2017.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Baía de Todos os Santos dos séculos XVIII a XIX**. SP, Corrupio, 1987 (1968) 718 p.